



Voz da Revolução, No. 16

<http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.nuvr197303>

Use of the Aluka digital library is subject to Aluka's Terms and Conditions, available at <http://www.aluka.org/page/about/termsConditions.jsp>. By using Aluka, you agree that you have read and will abide by the Terms and Conditions. Among other things, the Terms and Conditions provide that the content in the Aluka digital library is only for personal, non-commercial use by authorized users of Aluka in connection with research, scholarship, and education.

The content in the Aluka digital library is subject to copyright, with the exception of certain governmental works and very old materials that may be in the public domain under applicable law. Permission must be sought from Aluka and/or the applicable copyright holder in connection with any duplication or distribution of these materials where required by applicable law.

Aluka is a not-for-profit initiative dedicated to creating and preserving a digital archive of materials about and from the developing world. For more information about Aluka, please see <http://www.aluka.org>

Voz da Revolução, No. 16

Alternative title	Voz da Revolução Órgão oficial da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)
Author/Creator	Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)
Publisher	Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), (Dar es Salaam)
Date	1973-03
Resource type	Magazines (Periodicals)
Language	Portuguese
Subject	
Coverage (spatial)	Mozambique
Coverage (temporal)	1973
Source	PC
Rights	By kind permission of the Mozambique Liberation Front (FRELIMO).
Description	Seminário Pedagógico Nacional. 1ª Conferência dos Serviços de Saúde. 1ª Conferencia da Mulher Moçambicana. Comunicado de Guerra.
Format extent (length/size)	8 page(s)

<http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.nuvr197303>

A VOZ DA REVOLUÇÃO

Nº 16

ÓRGÃO OFICIAL DA FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO)

MARÇO DE 1973

O desenvolvimento da nossa luta determina constantemente situações novas que exigem soluções actualizadas. Certas normas que ontem nos apareciam finais e satisfatórias revelam-se hoje incompletas, afastadas da realidade presente e eventualmente incorrectas. No processo do nosso crescimento nós vamos aprendendo: e através da discussão e generalização das nossas experiências, inspirados por vezes pelas experiências revolucionárias doutros povos, nós somos capazes de encontrar o caminho mais correcto, adequado à fase do nosso desenvolvimento, em todos os sectores — político, militar, da produção, da saúde, da educação etc.

Um princípio permanece sempre inalterado, guiando-nos nesta busca de soluções: o de colocar sempre os interesses do povo acima da qualquer outro.

Não se trata de uma preocupação teórica: é o povo que quer saber como organizar a produção para obter melhores resultados. Os responsáveis da Saúde que perguntam se devem concentrar a sua acção no simples tratamento diário ou se devem dar prioridade à prevenção das doenças (profilaxia). São os comissários políticos que querem instruções sobre como melhor aplicar a nossa política anti-racista, agora que avançamos para uma zona com maior densidade de população branca. São os professores que buscam o mel-

hor meio de relacionar as suas lições como o meio ambiente político e geográfico. São os soldados que querem conhecer técnicas militares mais aperfeiçoadas para combaterem os métodos do inimigo — por exemplo, como colocar minas nas estradas que o inimigo alcatroou. São as mulheres que se sentem frustradas porque a educação tradicional deixou nelas um sentimento de inferioridade em relação ao homem, que as impede de darem uma participação plena nas tarefas da luta: querem saber como eliminar esse complexo.

Consciente desta realidade, a FRELIMO lançou uma palavra de ordem: realização de Conferências e reuniões de estudo, com o objectivo de adequar o nosso programa à fase actual da luta.

Assim foi que em Dezembro de 1972 teve lugar a reunião do Comité Central; em Janeiro de 1973 realizou-se um Seminário Pedagógico Nacional; em Fevereiro, a Primeira Conferência dos Serviços de Saúde; em Março, a 1ª Conferência da Mulher Moçambicana. Publicamos neste número de «A Voz Da Revolução» documentos relativos a essas reuniões: o Comunicado Final da Conferência das Mulheres, e breves relatórios do Seminário Pedagógico Nacional e da 1ª Conferência dos Serviços de Saúde.

SUMÁRIO DOS TRABALHOS DA REUNIÃO

Seminário Pedagógico Nacional

De 25 de Janeiro a 2 de Março de 1973 realizou-se o 1º Seminário Pedagógico Nacional. Participaram nele responsáveis do DEC e do Comissariado Político, e professores das escolas da FRELIMO nas Províncias de Tete, Niassa, Cabo Delgado e nos campos educacionais no exterior.

Depois de uma breve troca de impressões entre os participantes do Seminário concluiu-se que os pontos principais a serem estudados e discutidos, por constituírem

preocupações comuns, deveriam ser os seguintes:

1. Ampliação e consolidação dos conhecimentos dos professores sobre a política em geral e sobre a política da FRELIMO em particular, a fim de estarem em melhores condições para difundirem e aplicarem a linha da Organização nas escolas.
2. Unificação dos programas escolares.
3. Unificação dos métodos de ensino.



4. Elevação gradual e constante do nível científico e pedagógico dos professores.

O Seminário começou com a apresentação, estudo e discussão dos relatórios dos professores das Províncias representadas e dos centros da FRELIMO no exterior. Esses relatórios revelaram grandes progressos na organização e número das escolas nas zonas libertadas, um maior aproveitamento por parte dos alunos, e uma compreensão correcta por parte dos professores e alunos da sua tarefa política. Em particular foi salientado o vigor e o sucesso com que nas escolas é travado o combate pela vitória da ciência sobre a superstição, pela emancipação da mulher, pela unidade ideológica e pela afirmação da cultura Moçambicana. No campo da Educação e Cultura está a ser integralmente realizado o princípio de educar o homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria.

Contudo, os relatórios revelaram também certas dificuldades no que respeita principalmente aos métodos de ensino, derivadas da falta de preparação adequada dos professores e da falta de livros de texto ou manuais para orientar o ensino.

O Seminário estudou profundamente os problemas relacionados com cada uma das disciplinas que são ministradas nas escolas.

Assim, verificou-se que os nossos alunos não dominam a língua portuguesa, o que lhes impossibilita a completa compreensão das restantes matérias. O método de en-

sino que alguns professores tem vindo a usar, também não contribui para melhorar a situação: há escolas em que os alunos se limitam a decorar regras gramaticais, sem lhes ser ensinado como aplicá-las na prática falada ou escrita. Ensinam-lhes palavras sem lhes ensinarem como ligá-las para formar frases. Não fazem exercícios suficientes. Tudo isto sendo o resultado da falta de manuais com instruções pedagógicas capazes de orientar os ensinantes.

Para remediar esta situação o Seminário recomendou que:

- a. O ensino de *Portugues* seja feito usando-se como base frases completas em vez de vocábulos isolados: desta maneira consegue-se que o aluno apreenda e aprenda a ideia completa, o que é condição essencial para ele poder pensar e portanto comunicar, na língua que aprende.
- b) O professor deve arranjar tópicos para discussão, diálogo e conversa para permitir que o aluno se habitue a expressar-se correntemente.
- c) O professor deve intensificar os exercícios escritos e orais.

Na *Matemática*, por vezes os professores descaram a relação constante do ensino teórico com a prática, não dando exemplos ilustrativos tirados da experiência diária e não encorajando os alunos a irem pondo em uso aquilo que vão aprendendo. As recomendações do Seminário foram portanto orientadas neste sentido.

Quanto à *História*, surge desde logo a

dificuldade já referida da falta de domínio da língua portuguesa. Além disso, muitos professores não tem sabido relacionar devidamente a História com a política. O Seminário chamou a atenção dos professores para este aspecto: o de que o conhecimento do passado de um povo é importante como meio de compreender o presente e traçar a estratégia para o futuro. Pelo estudo da História estamos a transmitir as experiências das gerações passadas: e essas experiências, no nosso caso concreto, ajudam-nos a compreender a necessidade e a importância da luta armada revolucionária que estamos a travar.

Na *Geografia* não se levantaram problemas de grande vulto. Apenas, o Seminário recomendou que o mesmo princípio de constante ligação da teoria com a prática seja reforçado. Que se incluam noções mais gerais como por exemplo o que é a Geografia, suas aplicações práticas, etc. E que, tanto quanto possível exemplos próximos do meio ambiente sejam utilizados.

No ensino da *Política*, em muitas escolas estudava-se só os Estatutos e Programa da FRELIMO e alguns outros documentos. Embora nas escolas primárias frequentadas por crianças seja difícil aprofundar muito o estudo e compreensão dos fenómenos políticos o Seminário recomendou que os professores forneçam mesmo assim noções básicas que permitam aos alunos compreender qual é a nossa política nos diferentes sectores de actividade, designadamente na Educação e Cultura; os aspectos fundamentais da luta de libertação; o que é o colonialismo, o neo-colonialismo, e o imperialismo; etc. — usando de preferência exemplos concretos da nossa própria experiência, já conhecidos dos alunos. O objectivo aqui também não é de decorar definições mas compreender situações. Para as classes mais adiantadas, e para a escola Secundária, as aulas de Política devem continuar a incluir conceitos mais avançados, como o que é a política, qual a nossa linha política; o que é ideologia; diferença entre linha política revolucionária e reaccionária; o que é revolução; guerra prolongada, guerra popular, poder popular; etc.

A *produção agrícola* é uma das disciplinas ensinadas nas nossas escolas. Nela os alunos estudam a preparação de terrenos, sementeiras, germinação, transplantação, e cuidados necessários. As aulas são sem-

pre compostas de 2 partes — uma teórica e uma prática. O Seminário recomendou ainda o estudo particularizado de certos aspectos básicos da economia de Moçambique, produtos principais, diversificação da produção, etc.

No decurso do Seminário foram discutidos ainda problemas de filosofia, psicologia e administração de material—como por exemplo, as duas concepções filosóficas sobre o mundo (materialista e idealista). A contradição dialéctica. As reacções e comportamento específico das crianças (psicologia infantil). A importância dos bens materiais, principalmente dos instrumentos de produção, na organização da vida do homem; necessidade de boa utilização e conservação desses bens, designadamente dos que nos são oferecidos, pelo que representam de esforço e sacrifício doutros povos.

O Seminário dirigiu sugestões várias ao Departamento de Educação e Cultura sobre cada um dos pontos discutidos. Essas sugestões são em síntese as seguintes:

1. É necessário organizar um pro-

grama mais completo de elevação do nível político dos professores. Os elementos de base para esse programa deverão ser os textos políticos da FRELIMO. Aos professores eles próprios cabe também uma responsabilidade grande neste plano: eles devem auto — educar-se, auto-formar-se.

2. Sempre que possível, combinar a teoria com a prática, pondo em aplicação aquilo que se aprende, encontrando-se a justificação racional e científica daquilo que se observa e se pratica.

3. Elevar o nível técnico dos educadores, através de seminários constantes ao nível das Províncias.

4. Acelerar o programa de alfabetização de adultos, tornando-o popular, e utilizar esse programa para difundir as ideias científicas e as concepções políticas revolucionárias no seio das massas populares.

Neste ano de 1973 devemos lançar uma ofensiva generalizada no campo da Alfabetização.

5. Intensificar a elaboração de livros de texto e manuais.

6. Fazer reviver o Órgão de informação do DEC (o boletim «Rasgando as Trevas»), pela criação de uma estrutura que inclua um correspondente em cada centro educacional nas Províncias e no Exterior. Esses correspondentes escreverão sobre temas vários como: a vida na escola da FRELIMO; produtos que na escola se cultivem; hábitos, tradições e vida social do povo da região; os sucessos político-militares dos combatentes da FRELIMO nessa zona; dificuldades e sucessos encontrados na luta contra a superstição, o conservatismo, o regionalismo, o tribalismo, o racismo, e a opressão da mulher; como a revolução está a influenciar e determinar a cultura; etc.

Os trabalhos do Seminário foram caracterizados por um espírito de profunda compreensão do princípio unidade — crítica — unidade. Todos os participantes contribuíram activamente nas discussões, trazendo as suas experiências para ajudar a encontrar as soluções correctas. Este Seminário foi assim mais um passo em frente no sentido do progresso da nossa revolução.

1ª CONFERENCIA DOS SERVIÇOS DE SAÚDE

De 16 de Fevereiro a 2 de Março de 1973, realizou-se a 1ª Conferencia dos Serviços de Saúde, com a participação de cerca de 80 delegados, incluindo membros do Comité Central e Comité Executivo, e quadros da Saúde afectados nas

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Províncias em luta e nos Centros da FRELIMO no Exterior.

O camarada Samora Machel, Presidente da FRELIMO, dirigiu os trabalhos de várias sessões da Conferencia, designadamente as sessões de abertura e encerramento, dando as linhas fundamentais de

orientação da reunião.

A agenda de trabalhos adoptada pela Conferencia foi a seguinte:

1. Estudo crítico dos relatórios das actividades da Saúde nos vários sectores, sob o ponto de vista da sua adequação à linha política da FRELIMO e da sua eficácia;

2. Estudo dos métodos de trabalho e estruturas mais capazes de levar a Saúde a responder adequadamente às exigências de cada fase da nossa luta;

3. Estudo do programa de formação e elevação do nível político e científico dos quadros da saúde.

4. Perspectivas.

A Conferencia constatou um progresso apreciável nos Serviços de Saúde. De

facto, verifica-se por um lado que a maioria dos quadros destes Serviços estão conscientes e assumem o princípio de que no binómio política-técnica, o lugar predominante pertence à política. No passado a falta desta compreensão determinava uma mentalidade e comportamento puramente administrativos nos camaradas da Saúde, o que lhes dificultava a comunicação com as massas. Sem o apoio e cooperação do povo, os Serviços de Saúde tinham dificuldade em realizar a sua missão, no quadro da luta popular e revolucionária que estamos a travar. Hoje há uma compreensão do papel político dos Serviços de Saúde, sendo preocupação principal dos nossos camaradas da Saúde cultivar o amor pelas massas, com as quais estão em contacto directo e junto das quais representam a nossa Organização e a nossa linha política.

A Conferencia constatou também um avanço no aspecto técnico e recomendou que mais esforços sejam feitos neste sentido. De facto, paralelamente à acção política, a confiança do povo nos nossos Serviços de Saúde e a sua rejeição da superstição e doutros aspectos negativos da tradição dependem de os nossos camaradas serem ou não capazes de curar as suas doenças. Uma campanha constante deve portanto estar em curso para elevar o nível de conhecimentos técnico-científicos do pessoal afectado nestes Serviços.

Num outro aspecto, a Conferencia reconheceu que os Serviços de Saúde, por constituírem um ramo que pela natureza do seu trabalho lida com a vida e saúde humanas, requer por isso um alto nível de organização. No nosso caso particular essa organização é vital, pois ela permite pelo menos atenuar as carencias técnicas com que nos defrontamos. Uma atenção constante deve assim ser dada à consolidação e conveniente funcionamento das estruturas da Saúde, de modo a assegurar sempre que elas cubram completamente todas as zonas sob o controle da FRELIMO e os nossos campos no exterior, isto é, que proporcionem assistência médica à base mais no avanço, à povoação mais remota.

A Conferencia apoiou os programas que estão a ser levados a cabo para combater a insuficiência do pessoal dos Serviços de Saúde e promover a elevação do seu nível, tais como a realização de cursos especiais de formação de socorristas; de enfermeiras-parceiras; de nutricionistas; de analistas de laboratório; cursos de prótese dentária; etc.

Foi sugerida a criação de uma revista ou jornal médico publicando artigos políticos e técnicos sobre certas doenças — como instrumento para elevar o nível de conhecimentos técnico-científicos e políticos.

A Conferencia notou que uma das tarefas específicas que incumbem muito particularmente aos nossos Serviços de Saúde é a luta contra a superstição. O método mais eficaz para realizar este combate — verificou a Conferencia — é a demonstração, através da prática e da explicação política e científica, da superioridade da ciência sobre a superstição.

Debruçando-se sobre outro aspecto importante da estratégia a adoptar por parte dos Serviços de Saúde, a Conferencia recomendou que o acento principal seja

colocado na prevenção de doenças (profilaxia). De facto, entre a acção curativa e a acção preventiva, esta ultima é a que corresponde aos nossos objectivos a longo termo, e a que cabe dentro das nossas possibilidades de realização. Contudo, uma aplicação adequada desta estratégia exige como condição prévia um estudo profundo das regiões: é necessário conhecermos as populações, os seus hábitos e costumes, tradições, vida económica, condições do meio ambiente, etc. Dentro desta perspectiva, a Conferencia recomendou:

a) Que se proceda ao estudo geopolítico, económico e humano das regiões;

b) Que se proceda ao levantamento estatístico sanitário das regiões;

c) Que se intensifiquem as campanhas de vacinação;

d) Que se intensifiquem campanhas de educação para melhoramento geral da higiene, tanto individual (lavagem do corpo, da roupa, etc.) como familiar (luta contra parasitas, cuidados higiénicos na preparação da comida, uso de latrinas, etc.), como ao nível da povoação (higiene das fontes de água, dos lugares de banho, prática de desporto, etc.).

e) Que se realizem campanhas de explicação da necessidade de isolamento de doentes atingidos por doenças infecto-contagiosas, para seu melhor controle e cura. O isolamento dos doentes nestas

condições deve ser feito no local onde se encontram.

Analisando a situação mundial e suas incidencias sobre a nossa luta, a Conferencia regozijou-se com a profunda corrente de solidariedade por parte dos povos e organizações progressistas do mundo inteiro. Esta solidariedade faz-se sentir de maneira especial neste sector da saúde onde, por não produzirmos ainda medicamentos nem material médico sanitário, dependemos em larga medida, no campo material, da ajuda exterior. A Conferencia declarou que esta ajuda, embora esteja longe de corresponder às nossas necessidades, é uma contribuição valiosíssima para a nossa luta. A Conferencia exprimiu a sua apreciação pela acção que os governos, organizações, grupos e indivíduos realizam em apoio à nossa causa, e manifestou a esperança de que esta solidariedade se intensifique e se traduza num aumento do apoio não só à Saúde mas a todos os sectores do nosso trabalho.

Na fase final, nas suas conclusões, a Conferencia mais uma vez pôs em relevo a necessidade de os Serviços de Saúde assumirem plenamente a estratégia e tática da Organização, a fim de poderem cumprir a tarefa principal na fase actual, que é a de libertar a energia criadora das massas para libertar a pátria, criar uma sociedade nova e construir um homem moçambicano ideologicamente novo e são, liberto da doença legada pelo colonialismo.



1ª CONFERENCIA DA MULHER MOÇAMBICANA

COMUNICADO FINAL

A situação da mulher como ser explorado e oprimido não é um fenómeno limitado a Moçambique. Na maior parte dos países, através de todos os continentes, em graus diversos a mulher está privada dos seus direitos mais fundamentais, impedida de participar na vida política, circunscrita à tarefas da procriação e cuidado do lar, submetida a uma autoridade tirânica.

Mas é nos países como o nosso, onde concepções tradicionais sobre a submissão da mulher e as concepções colonialistas se combinaram ou justapuseram, que esta opressão e exploração atingem graus mais extremos.

Em Moçambique toma forma e consolida-se uma verdadeira revolução popular. Como resultado da luta armada de libertação nacional desencadeada pelo povo sob a direcção da FRELIMO, vastas áreas cobrindo cerca 1/4 do país estão libertadas, tendo a luta avançado para uma nova Província — Manica e Sofala. Nas regiões libertadas, em Cabo Delgado, Niassa e Tete, uma nova vida está a ser construída, inspirada por uma ideologia que coloca os interesses das massas populares acima de quaisquer outros, que recusa qualquer forma de opressão e exploração, de um individuo ou grupo ou classe ou sexo sobre outro, e que visa o estabelecimento de relações humanas sãs e harmoniosas.

No quadro desta revolução, o combate pela libertação da mulher ocupa um lugar especial. Foi neste contexto que se realizou de 4 a 16 de Março de 1973, a 1ª Conferencia da Mulher Moçambicana.

Participaram na Conferencia mais de 80 delegadas engajadas em todos os sectores de actividade, nas Províncias em luta e nos campos da FRELIMO no exterior, com predominância de elementos do Destacamento Feminino.



Um aspecto da Conferencia

A agenda incluiu: 1) relatórios das actividades; 2) análise e caracterização da situação actual; 3) estudo do processo de integração da mulher moçambicana no processo da revolução, com atenção particular aos seguintes pontos: obstáculos à integração e caracterização das contradições; definição dos alvos; formulação da estratégia; tarefas da Organização da Mulher Moçambicana, e seu lugar na estrutura da FRELIMO.

A Conferencia teve a presidi-la o Presidente da FRELIMO, camarada Samora Machel, que no discurso de abertura, situou a Conferencia no seu contexto histórico-político, analisou os fundamentos da alienação da mulher, e apresentou a linha a seguir para um resultado vitorioso da luta pela emancipação da mulher. Este discurso do Presidente da FRELIMO foi adoptado pela Conferencia como documento de base.

Ao analisar os relatórios das camaradas engajadas na acção armada, nas escolas,

nos hospitais, infantários, etc. a Conferencia constatou que as mulheres moçambicanas, organizadas no Destacamento Feminino, realizou o seu trabalho de maneira correcta, com um alto nível de consciencia política e um elevado grau de eficiencia. Entre as tarefas levadas a cabo pelo Destacamento Feminino figuram o combate, mobilização, organização e defesa das populações; transporte de material; produção; recrutamento; segurança; cuidado dos infantários; trabalho clandestino; etc. A Conferencia verificou porém a existência de um elemento psicológico presente na maior parte das camaradas, e que lhes dificulta a realização das suas tarefas: o complexo de inferioridade. Aprofundando a análise, a Conferencia localizou as raízes desse complexo no sistema de educação tradicional, conjugado com o regime colonial. Com efeito, verificou-se que, ao longo da sua vida, em certas fases do seu crescimento, as raparigas são submetidas àquilo a que se chama "ritos de iniciação" que embora



variando na forma consoante as regiões, tem todos em comum o facto de visarem inculcar nas jovens um espírito de submissão em relação ao homem, e ensinarlhes que o seu lugar na sociedade é de segundo plano. Na cerimónia da adolescência, designadamente, as raparigas são ditas que o seu papel a partir desse momento é o de produzirem filhos e cuidarem do marido e da casa, sendo-lhes interdita qualquer outra tarefa. Estes ritos de iniciação, cercados de uma aura de mistério e solenidade religiosa, tem um efeito psicológico muito forte, e determinam uma aceitação cega por parte das jovens, dos ensinamentos que recebem, traumatizando-as para o resto das suas vidas.

A Conferencia constatou também que estes ritos de iniciação são apenas uma das manifestações da concepção dominante no sistema tradicional sobre a posição inferior da mulher na sociedade. Outras manifestações desta ideia são por exemplo o lobolo, que coloca a mulher na posição de objecto de compra e venda, e a caracteriza aos olhos do comprador — marido como simples instrumento de prazer e reprodução; a poligamia; e os casamentos forçados e prematuros. Estes ultimos forçam ao casamento crianças cuja idade muitas vezes não ultrapassa os 10 anos. Além de reflectirem uma concepção reaccionária, estas práticas constituem um sério obstaculo à integração da mulher na luta de libertação, em 2 niveis: pela alienação a que condicionam

a mulher; e por prenderem a mulher exclusivamente à vida doméstica ou à produção agricola ao serviço do marido, roubando-lhe qualquer perspectiva de participação nas tarefas politicas, culturais e sociais.

O sistema colonial veio piorar esta situação. Ele próprio inspirado também pela ideia da mulher como “o segundo sexo”, submeteu a mulher moçambicana a uma dupla opressão e exploração: uma, de carácter geral, que abrange indistintamente homens e mulheres, e que se manifesta no trabalho forçado, culturas forçadas, prisões arbitrarias, discriminação racial, etc. Outra de carácter especifico, dirigida só à mulher. Separando-a do marido pelo trabalho forçado, privando-a dos meios de sustento do lar e dos filhos, o colonialismo criou deste modo condições para forçar a mulher a recorrer à venda do seu corpo, a prostituir-se, para poder sobreviver. A mulher avilta-se, degrada-se, é submetida à forma extrema de humilhação pelos colonialistas que fazem dela, além de força de trabalho e máquina reprodutora, também instrumento de prazer.

Depois de caracterizar assim a situação da mulher no nosso país, a Conferencia passou ao estudo da estratégia de combate a seguir para restituir à mulher o lugar que de direito lhe cabe na nova sociedade que revolucionariamente estamos a construir. Num primeiro momento a Conferencia situou exactamente os 2 polos da contradição. A Conferencia declarou que a contradição fundamental existe entre a mulher moçambicana e o sistema de opressão e exploração vigente no nosso país, que exclue a mulher da tomada de decisões concernentes à vida da sociedade, mesmo aquelas que lhe dizem directamente respeito. A Conferencia chamou a atenção das delegadas para o perigo de desvirtuamento na definição dos alvos, exemplificando com a posição dos chamados “movimentos de libertação das mulheres” que proliferam hoje nos paises capitalistas. Esses movimentos dirigem o seu combate contra o homem, a ele apontam como alvo, acusando-o do estado de opressão e exploração em que elas se encontram. A Conferencia fez notar que os homens trabalhadores são eles próprios também explorados e oprimidos nessas sociedades, juntamente com as mulheres, e que as eventuais concepções reaccionárias deles face às mulheres lhes foram ministradas pelo

sistema sob o qual vivem. É contra o sistema que difunde esta mentalidade, isto é, contra os aspectos negativos da tradição e contra o colonialismo e imperialismo, que a mulher moçambicana deve dirigir as suas armas.

A Conferencia constatou que o momento presente, em que se processa em Moçambique uma verdadeira revolução, é altamente favorável a este combate. A revolução estabelece como seu objectivo a destruição da ordem social antiga fundada no dominio de uma minoria, para sobre as suas ruínas estruturar uma sociedade nova, onde o poder pertence às massas trabalhadoras, aquelas que, precisamente, eram exploradas e oprimidas no sistema anterior — entre as quais figurava especificamente a mulher como tal.

A Conferencia estudou também os meios a serem utilizados pela mulher moçambicana para a sua libertação. Considerando que a libertação da mulher não pode estar separada da do homem, e que o inimigo e os objectivos são comuns, a 1a Conferencia da Mulher Moçambicana indicou como caminho único para a mulher a sua integração nas tarefas da luta, no processo revolucionário. Deste modo ela está a contribuir directamente para a vitória da revolução, quer dizer, está a apressar o momento da sua libertação. Igualmente, ao engajar-se na luta em todos os niveis ela está a abrir novas perspectivas para o seu futuro, está a destruir pela prática a concepção que a relegava para um papel passivo e sem voz na sociedade. Está em suma a criar condições para a sua participação no poder, está a tomar nas suas mãos o seu destino.

Essa participação, por outro lado, não pode ser feita discricionariamente ou ao acaso: ela tem de incluir-se no quadro da FRELIMO, a organização politica revolucionária que assume a totalidade dos interesses do povo explorado, capaz de dar à mulher uma orientação correcta e definir-lhe as tarefas.

A Conferencia saudou a decisão do Comité Central reunido em Dezembro de 1972, de criar uma Organização da Mulher Moçambicana. Esta Organização tornava-se necessária, dado que a única estrutura existente ao nivel das mulheres era o Destacamento Feminino. Verificava-se contudo que muitas mulheres realizavam tarefas fora do ambito do Destacamento Feminino, não estando enquadadas numa estrutura que lhes fosse

própria. Também muitas militantes potenciais que não reuniam condições para serem integradas no Destacamento Feminino eram conservadas à margem do processo revolucionário. A nova Organização agirá portanto como uma frente larga, que tendo como núcleo e elemento impulsionador o Destacamento Feminino, irá mobilizar, organizar e unir mulheres novas e velhas, casadas e solteiras, em todos os lugares onde elas se encontrarem — das povoações às escolas e bases, e campos no exterior.

A Organização da Mulher Moçambicana é parte da estrutura global da FRELIMO na qual aparece como um braço para atingir um novo sector, o sector feminino, cuja participação completa e adequada tem até aqui sido negligenciada.

A Conferência saudou ainda o Comité Central por ter declarado o dia 7 de Abril, data do falecimento da camarada Josina Machel, responsável do Destacamento Feminino, chefe da Secção dos Assuntos Sociais e da Secção da Mulher no Departamento das Relações Exteriores, como Dia da Mulher Moçambicana. A Conferência manifestou o seu apoio absoluto a esta decisão, tendo todas as delegações, nas suas intervenções, salientado o exemplo de espírito militante e revolucionário da Camarada Josina Machel.

A Conferência situou por último a luta da mulher moçambicana no seu contexto internacional. As delegadas celebraram o dia 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, que passou durante a realização da Conferência. No seu discurso, o camarada Presidente da FRELIMO declarou que a coincidência do dia 8 de Março, dia em que toda a humanidade progressista reafirma solenemente o seu apoio à luta da mulher pela sua libertação, com a realização da Conferência, “é uma coincidência feliz e deve ser um estímulo para nós, pois nos chama a atenção para o facto de a nossa luta não estar isolada, nos mostra que o combate da mulher é um combate da humanidade e nos faz sentir os progressos já realizados”.

A Conferência saudou a luta das irmãs e combatentes de Angola e da Guiné e Cabo Verde, que, sob a direcção do MPLA e do PAIGC, há mais de 10 anos, como nós lutam de armas na mão contra o inimigo comum — o colonialismo português e o imperialismo.

Uma homenagem comovida foi prestada ao nosso companheiro de armas camarada

Amílcar Cabral, Secretário-Geral do PAIGC, recentemente caído no campo de batalha. A Conferência condenou veementemente o colonialismo português por mais este crime bárbaro e brutal, e reafirmou o seu apoio total ao PAIGC e a sua confiança completa na vitória do povo unido da Guiné e Cabo Verde. A Conferência endereçou uma saudação particular à África combatente que, ao nosso lado, compartilha também dos esforços e do sacrifício da guerra, movida pelo ideal da libertação total do nosso continente, com menção particular à Tanzânia, à Zâmbia, à República da Guiné e ao Congo.

A luta dos povos da África do Sul, do Zimbábue e da Namíbia pela sua libertação foi caracterizada como sendo uma contribuição directa e valiosa para o triunfo da nossa luta.

A Quarta Frente de luta aberta em Portugal pelos patriotas anti-fascistas e anti-colonialistas portugueses, no seio mesmo das forças inimigas, foi calorosamente saudada pela Conferência como um passo importante no sentido da consolidação dos laços de amizade e solidariedade entre o povo Moçambicano e o povo Português.

A Conferência exprimiu a sua satisfação pela grande vitória alcançada pelos povos da Indochina, particularmente do Vietnã, sobre os Estados Unidos da América, chefe de fila do imperialismo internacional. A vitória dos nossos irmãos Indochineses, salientou a Conferência, constitui uma fonte de inspiração para o nosso povo.

A Conferência felicitou as mulheres e os povos dos países socialistas, pelos sucessos

alcançados na construção duma sociedade nova e pela maneira exemplar como assumem o seu dever internacional.

O combate das mulheres e dos homens nos países capitalistas e em todos os continentes contra o colonialismo, o racismo, o imperialismo, a exploração do homem e a discriminação da mulher, foi considerado pela Conferência como uma contribuição concreta à causa do Povo moçambicano em geral e da mulher moçambicana em particular.

Na sessão de encerramento as delegações tiraram as conclusões da Conferência. Elas foram unânimes em constatar o alto espírito revolucionário da Conferência, o carácter franco, aberto e construtivo das discussões. Todas as delegações se felicitaram pelo muito que puderam aprender com a Conferência.

A intervenção do Camarada Samora Machel, Presidente da FRELIMO, na sessão de encerramento, permitiu à Conferência sintetizar correctamente o espírito e o conteúdo da 1ª Conferência da Mulher Moçambicana.

Este foi um momento decisivo e histórico na nossa Revolução e na vida da mulher. Uma aurora de esperança surge para o nosso povo.

A 1ª Conferência da Mulher Moçambicana ao terminar os seus trabalhos fez sua palavra de ordem do Presidente da FRELIMO:

“A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da revolução, uma garantia da sua continuidade, uma condição do seu triunfo”.





Destroços de um camião destruído por uma mina

Comunicado de Guerra

Tete

Durante o período entre Outubro e Dezembro de 1972, os combatentes da FRELIMO na província de Tete atacaram dois postos, duas aldeias estratégicas e um campo; realizaram cinco operações na linha ferroviária Beira-Zobwé e na estrada internacional Rodésia-Malawi; e fizeram um grande número de operações de sabotagem e emboscadas. Mais de 110 soldados portugueses e 8 Rodesianos foram mortos, duas locomotivas e vários vagões e muitos quilómetros da linha férrea foram destruídos, assim como 16 carros.

ataques

Na segunda metade de Outubro, o inimigo tentou invadir a nossa zona em Manje. Foi submetido a constantes ataques, e forçado a retirar-se depois de ter sofrido pesadas baixas. Depois da fuga, os nossos combatentes por sua vez atacaram o quartel inimigo de Manje e o campo de concentração de Chicoco, causando mais mortes ao inimigo.

Em 20 de Novembro, os nossos camaradas atacaram o campo de Nyakamba, matando 10 soldados portugueses e destruindo 4 casas.

Na madrugada de 4 de Dezembro, as

forças de artilharia e infantaria da FRELIMO atacaram o posto de Mocumbura. O ataque resultou na morte de 12 soldados portugueses e 8 soldados Rodesianos que estavam no posto. Dez casas foram seriamente danificadas.

Em 17 de Dezembro, atacámos o posto de Nyamadende com fogo de artilharia, danificando algumas casas.

Ultimo comunicado recebido de Tete:

Em 1 de Março, pelas 18.30 horas, as nossas forças atacaram e transformaram em cinzas o campo fortificado português de Malewera também conhecido por Gago Coutinho.

Casas, veículos e depósitos foram destruídos. Muitos soldados que estavam concentrados no campo foram mortos. Alguns deles encontraram a morte nos seus abrigos subterrâneos.

Cabo Delgado

Os nossos combatentes minaram a estrada de Mueda a Nangololo em vários lugares. No dia 3 de Fevereiro, saiu uma grande coluna de carros inimigos do posto de Mueda em direcção ao posto de Nangololo transportando canhões, morteiros e outro material de guerra para reforço deste posto. Os carros foram caindo sucessi-

vamente nas nossas minas e emboscadas — e de cada vez que um carro era destruído, o inimigo acampava no lugar, para tratar os feridos e recolher os mortos. Desta maneira a coluna levou 8 dias para fazer o percurso de cerca de 60 kms até Nangololo. Quando chegou a este posto, tinha 4 carros a menos.

Desmoralizado e desfalcado, o inimigo partiu dois dias depois de regresso a Mueda. No caminho sofreu uma forte emboscada que destruiu mais um carro e causou mais baixas, forçando-o a acampar no caminho. Só no dia 15 o que restava da coluna reentrou em Mueda.

Nos dias 14 e 22 de Fevereiro, o posto de Nangololo foi novamente atacado pela nossa artilharia.

No dia 3 de Fevereiro atacámos um acampamento inimigo junto do rio Muagamula. O objectivo da força inimiga era reconstruir a ponte sobre este rio, que fora destruída pelas nossas forças em 1972.

No dia 27 de Janeiro uma unidade da FRELIMO emboscou uma coluna inimiga que seguia de Porto Amélia para Quissanga. A emboscada resultou na danificação de um dos carros (land-rover) que foi assaltado pelas nossas forças. Capturámos do carro 21 camisas civis, 6 caixas de munições, 172 facas, 100 cadeados, 1 relógio de pulso, e 5.000 escudos em dinheiro.

No carro foram encontrados também os cadáveres de 3 pessoas, tendo sido identificado um polícia português de nome António da Costa e sua mulher, Conceição Maria Simões Costa.

No dia 4 de Fevereiro tres carros de uma coluna que seguia de Muaguide a Panamozzi foram danificados numa emboscada, tendo sido mortos 8 soldados portugueses.

Niassa

No dia 24 de Janeiro os nossos camaradas lançaram ataques simultâneos contra 2 postos inimigos, em Nova Coimbra e Manhice. Ambos os postos ficaram danificados, tendo o inimigo sofrido grandes baixas.

Préviamente as nossas unidades de sabotagem tinham destruído a ponte sobre o rio Lugwessi, situada entre Nova Coimbra e Lunho, para impedir o envio de reforços pelo inimigo.